



## Metanoia - Movimento Católico de Profissionais

Rua João de Freitas Branco, 12

1500-359 LISBOA

[METANOIA@MAIL.TELEPAC.PT](mailto:METANOIA@MAIL.TELEPAC.PT)

Tel. 210 322 339

[WWW.METANOIA-MCP.ORG](http://WWW.METANOIA-MCP.ORG)

Amigos,

É com gosto que vos convidamos para o nosso encontro do próximo dia 10 de Março às 20 h para jantar e às 21 h para continuarmos a conversar, desta vez sobre: Jesus na nossa vida - da tentação da idolatria ao desafio do Amor.

A nossa ideia era propor uma reflexão sobre qual terá sido, na perspectiva de cada um (a) de nós, o percurso interior de Jesus até chegar ao Sermão da Montanha, texto do Evangelho considerado como fundante na experiência do cristianismo. Ora quer em Mateus quer em Lucas o Sermão da Montanha é antecedido pela experiência de Jesus das Tentações no deserto.

Que impacto tem nas nossas vidas de hoje esta experiência de Jesus? Quais são hoje as nossas principais tentações? E como as tentamos transfigurar numa vida que seja uma aventura de Bem?

Estas duas situações de vida em Jesus expressam numa fase um apelo ao deserto - silêncio, recolhimento, desnudamento interior, secura, fome e sede de Deus - e noutra, o apelo à comunhão entre os irmãos tocados por um Deus de que Jesus fala - um Deus que é para todos (as), misericordioso, impotente no Poder de dominar mas Onnipotente em Amar, e que habita o coração de cada um (a) de nós. Que significa para nós dizer que este Deus de que Jesus fala habita o nosso coração?

Será que confundimos coração com sentimentos? Coração no sentido evangélico é o lugar da consciência e não dos sentimentos - qualquer experiência pessoal e comunitária corre o risco perpétuo de confundir psicológico e espiritual. Talvez a oração - Jesus antes da experiência das tentações esteve no deserto a jejuar e antes do Sermão da Montanha passou a noite inteira a rezar - seja o lugar do esvaziamento dos sentimentos que nos atravessam diante duma alteridade que nos apela ao AMOR apesar de todas as nossas contradições, dilacerações e maldades.

Para terminar sugerimos a leitura de Mateus 4,1-11; Lucas, 4, 1-13; Mateus 5, 1-12; e Lucas 6, 12-22. Enviamos em anexo um texto de Abbé Pierre que acompanhou a nossa reflexão. Terminamos com 3 frases que também nos fizeram companhia:

***"Cremos, por tradição, no que respeita aos deuses, e veremos, por experiência, no que respeita aos homens que, constantemente, por uma necessidade natural, qualquer ser exerce todo o poder de que dispõe"***  
***Tucídides***

***" Não exercer todo o poder de que dispomos, é suportar o vazio. E isto é contrário a todas as leis da natureza: só a graça o pode fazer"*** ***Simone Weil***  
***in A Gravidade e a Graça***

***"Amar é prometer e prometer-se a si mesmo nunca utilizar no ser amado os meios de domínio, de poder"*** ***São João da Cruz.***

Um abraço fraterno da Rita e da Emília

PS: o jantar será partilhado com o que cada um trouxer. O Metanóia fornecerá a sopa, bebidas e café.

## Ausência e presença de Jesus

Perguntei-me durante muito tempo: "Porque não ficou Jesus entre nós? Porque não continua Ele a fazer milagres, a ensinar-nos?" Na nossa época mediática, que sucesso fabuloso teria! Muito mais que qualquer Papa, mesmo o mais santo e mais carismático! Mas, justamente, o risco de idolatria, já forte com um papa como João Paulo II, teria sido demasiado grande. Não teríamos uma relação interior e íntima com Cristo: venerá-lo-íamos como um ídolo exterior. Quereríamos todos vê-lo, tocá-lo, ser curados por Ele... sem necessariamente escutar e meditar a Sua Palavra. Ou então, ao invés, Ele impressionar-nos-ia demasiado e receá-lo-íamos. Para entrar numa relação íntima, interior, de amor, com Jesus - e, através d'Ele, com Deus -, é necessário fechar os olhos do corpo e abrir os do coração.

Eis, sem dúvida, a razão por que Cristo ressuscitado não ficou na Terra de maneira visível. E eis porque, dois mil anos mais tarde, Jesus não se nos impõe como maravilha visível e radiosa. Ele está como na bruma da manhã da Páscoa diante de Maria de Magdala. Ele está como no caminho de Emaús. Os seus discípulos e amigos mais próximos não o reconhecem, de tal modo estão absorvidos no seu desgosto e na sua tristeza. Depois, a certa altura, Ele pronuncia uma palavra - "Maria" -, faz um gesto - partir o pão -, e os nossos olhos reconhecem-no.

Ele oferece-se a nós, mas não podemos encontrá-lo senão pela escuta do coração, a interioridade, a oração silenciosa. Ele continua também a falar e a agir em cada cristão que tenta seguir os Seus passos.

Cada vez que encontro um homem ou uma mulher atrozmente feridos pela vida, oiço Jesus chamá-los pelo primeiro nome e tento dizer-lhes com a minha voz, o meu olhar, as minhas mãos, o que Jesus diz com tanto amor: "Paulo", "Joana", "Francisco", "Teresa".

O cristianismo é um encontro pessoa a pessoa. É o Evangelho que continua. Não é senão isto.

[in *Mon Dieu... pourquoi?*, Abbé Pierre. Plon, 2005.]

Tradução de Rita Veiga